

O EPIGRAMA FÚNEBRE E A EMBRIAGUEZ

Flávia Vasconcellos Amaral

Universidade de São Paulo

flavia.amaral@usp.br

RESUMO

O artigo visa a analisar uma das formas que alguns epigramatistas usam para incorporar a embriaguez na composição de alguns epigramas fúnebres do livro VII da *Antologia Palatina* (398 de Antípatro de Tessalônica; 533 de Dionísio de Andros e 660 de Teócrito): mortes em decorrência de quedas pós-bebedeira.

Palavras-chave: Epigrama fúnebre; Livro VII da *Antologia Palatina*; embriaguez; vinho; morte.

ABSTRACT

This article aims to analyze one of the ways by which epigrammatists work on drunkenness in some funerary epigrams from Book VII of the *Palatine Anthology* (398 of Antipater of Thessalonica; 533 of Dionysius of Andros and 660 of Theocritus): deaths from falls after drunkenness.

Keywords: Funerary epigrams; Book VII of the *Palatine Anthology*; drunkenness; wine; death.

Considerando a etimologia do epigrama, sua evolução e a transição sofrida por ele com a mudança do seu suporte – da pedra para o rolo de papiro –, o epigrama helenístico, embora tenha perdido sua função original de inscrição, mantém o referente epigráfico em sua mira como um repositório de convenções, *topoi*, fórmulas e vocabulário, sobretudo o epigrama votivo e o fúnebre. Como já apontaram ROSSI (2001) e FANTUZZI-HUNTER (2004) entre outros, o novo gênero literário precisaria primeiro legitimar-se a partir de elementos da tradição para depois assumir características autônomas, servindo de modelo e protótipo para uma nova tradição com suas próprias convenções e elementos distintivos.¹ Nesse sentido, a própria seleção de epigramas do presente artigo exemplifica essa afirmação, pois além de se filiarem à tradição da poesia simposial arcaica pela temática e se valerem de elementos da gênese do epigrama enquanto inscrição, tais epigramas levam a embriaguez, que é um dos elementos de maior expressão da mortalidade

¹ ROSSI (2001, p. 3).

do simpósio, às últimas consequências: a morte causada em decorrência de quedas pós-bebedeira.

Em diversos aspectos, o epigrama literário herdou e retrabalhou temas e características de outros gêneros literários e adquiriu seu espaço na tradição com a circulação de coleções de epigramas atribuídos a poetas do passado. Segundo ROSSI (2001, p. 4), esse processo foi facilitado com a existência de inscrições compostas por poetas famosos, como já sabemos em relação a Simônides, por exemplo. Para a autora,² duas necessidades se desenvolveram dessa atividade poética com um cenário “real”: 1) o desejo de colecionar em papiros inscrições de autoria conhecida e 2) o desejo de justapor essa produção “real” com a composição de epigramas feitos para serem registrados em papiro desde sua origem. Rossi, portanto, conclui que a coexistência perfeita entre o epigrama feito para ser inscrito e o literário foi possível e que tal cenário contribuiu para a mútua função de modelos que um tinha em relação ao outro.³

Diante disso, é válido salientar uma questão que emerge de tal cenário de influência entre a inscrição e o epigrama literário: os epigramas da *Antologia Palatina*, maior fonte dos epigramas tidos como literários, teriam sido compostos para um uso “real”? Embora alguns autores se debrucem sobre tal questão para defender que alguns epigramas da *Antologia Palatina* foram inscrições reais, como o faz, por exemplo, CAIRNS (2016, sobretudo pp. 243-275 ao tratar de alguns epigramas fúnebres), para a nossa análise e nosso propósito primeiro de entender o excesso de vinho em cenário fúnebre, nos alinhamos com os pressupostos metodológicos de ROSSI (2001, p. 5). Neles a autora postula que, se os epigramatistas eram capazes de reproduzir as convenções epigráficas mais sutis da tradição, não se pode negar que eles tenham feito o mesmo ao comporem epigramas em seus rolos de papiro, fazendo com que tais epigramas fossem exatamente como aqueles que eram comissionados para serem inscritos. Assim,

“(…) embora a presença de elementos literários exclusivos prove a incontestável identificação da composição como um *Buchepigramm*, a ausência de tais elementos não fornece por si própria evidência suficiente para considerar um poema como *Steinepigramm*. Portanto, a menos que, como muito raramente acontece, um epigrama conhecido de textos escritos seja encontrado inscrito em pedra, é impossível, e sobretudo metodologicamente incorreto, tentar demonstrar a sua natureza ficcional ou real a todo custo.⁴”

² *Ibidem*, p. 4.

³ Para maiores detalhes sobre as relações entre epigrafia e epigrama literário, cf. KACZCO (2009 e 2016).

⁴ ROSSI (2001, p. 5).

Portanto, para nossos fins, os epigramas fúnebres aqui tratados não serão analisados sob o ponto de vista da possibilidade de terem sido inscrições reais. Ainda sobre metodologia, ao tratarmos os epigramas fúnebres, nos valem da mesma terminologia presente na *Antologia Palatina*, a qual fornece também o *corpus* tratado neste artigo. Dentro de tal recorte, propomos ainda um segundo, que pode ser definido como uma categoria do epigrama fúnebre: queda seguida de morte, a qual está subordinada ao tema inebriamento no contexto fúnebre.

Epigramas sobre a ebriez no contexto fúnebre já haviam sido agrupados sob tal subgênero em GIANGRANDE (1968, pp. 93-177),⁵ cujo objetivo é analisar como os *Leitmotive* simposiais se desenvolveram na literatura grega antes do período alexandrino para depois rastrear o emprego dos mesmos pelos epigramatistas alexandrinos. Giangrande, então, ao analisar os temas simposiais tratados pelos epigramatistas, propõe as seguintes subdivisões temáticas: *avoir le vin triste*; vinho e sexo; pobreza; juventude e amor; o simpósio; brinde ao amor; mulheres bêbadas; bebedeira; habilidade em beber vinho; *Wein, Weib und Gesang* e afogar as preocupações no vinho. Ao fazer tal percurso, Giangrande sistematiza a questão simposial no gênero epigramático para argumentar que os *Leitmotive* mais populares da literatura simposial eram, via de regra, evitados pelos epigramatistas alexandrinos.⁶ Nesse sentido, diante dos estudos mais recentes que consideram a relação de interdependência entre epigrafia e epigrama literário, como apontado acima, e aqueles que discutem os mecanismos da manutenção da tradição literária e da inovação contemporânea, poderíamos expandir o argumento final de Giangrande considerando que a aparição de outros temas no cenário simposial é produto de um fenômeno mais complexo e não apenas um evitar arbitrário por parte dos epigramatistas.

CAIRNS (2016, pp. 243-275) trata a questão da ebriez, mas sob outro ponto de vista, ao tentar classificar os epitáfios como epigráficos ou epidéuticos, o que consideramos complicado sustentar de acordo com a postura metodológica adotada e mencionada acima. Portanto, não nos cabe aqui tal discussão pormenorizada. De qualquer maneira, o autor subdivide os epigramas sobre bebedeira em: morte causada pelo vinho; mortes enquanto se está bêbado e mortes de mulheres bêbadas.⁷ Entretanto, enquanto GIANGRANDE (1968) sistematiza tais categorias para percorrer o caminho

⁵ Um dos trabalhos mais antigos sobre epigrama e poesia simposial antes de GIANGRANDE (1968) foi o de REITZENSTEIN (1893), que, dentre outros importantes argumentos, expõe como os alexandrinos tinham plena consciência da continuidade da tradição literária do simpósio nos seus epigramas.

⁶ GIANGRANDE (1968, p. 119).

⁷ CAIRNS (2016, pp. 243-265).

dos epigramatistas ao tratarem da matéria simposial da tradição da poesia arcaica, CAIRNS (2016) não pretende ser exaustivo nos exemplos de suas categorias e se volta a elas para resolver questões de composições reais ou fictícias de epigramas específicos.

SENS (2016), em oposição aos autores acima citados, extrapola as categorias para tratar de epigramas que trazem a morte e o vinho - o que ele chama de “par binário”⁸ presente desde a literatura simposial grega – que explicitam a conexão entre a atividade simposial e a composição poética – a qual também fazia parte da poesia antiga. O autor inicia a sua análise retomando o fato de que um dos tropos da poesia lírica e elegíaca arcaica é a questão da ausência dos prazeres depois da morte, o que é a razão primordial para que se aproveite a comilança e a embriaguez do simpósio no momento presente.⁹ SENS aprofunda esse fundamento da poesia arcaica ao dizer que

“os poemas (antigos) constroem o simpósio para o qual eles foram compostos e no qual eles eram executados em performance e estabelecem uma equivalência tendenciosa entre o encerramento da festança e o final da vida, como se o simpósio de um lado e a morte de outro constituíssem um par binário e que não houvesse deleite em outros contextos.”¹⁰

Tendo como pano de fundo a categoria “bebedeira” de GIANGRANDE (1968) e as reflexões sobre o par binário “simpósio-morte” de SENS (2016), vejamos como a embriaguez se manifesta nos epigramas selecionados.¹¹ Iniciemos, portanto, com algumas considerações sobre a existência de epigramas que tratam de mortos pós-bebedeira.

CAIRNS (2016, pp. 243-244) afirma que algumas inscrições entre o período helenístico e o imperial registravam a morte por consumo excessivo de vinho. Os gregos e romanos “sensatos”¹² naturalmente não aprovavam o vício provocado pelo vinho a ponto de matar o bêbado e não eram a favor da bebedeira constante. Além disso, a embriaguez poderia tornar o sujeito alvo de desaprovação e zombaria, mesmo sendo a relação dos antigos com o vinho, como se sabe, diferente da moderna, seja em relação aos hábitos alimentares, seja em relação aos rituais sagrados e mesmo terapias médicas.¹³ Apesar de a embriaguez ter seu lado negativo para os antigos, em trecho mais adiante

⁸ SENS (2016, p. 230).

⁹ *Ibidem.*

¹⁰ *Ibidem.*

¹¹ É importante dizer que o que apresentamos aqui é uma pequena amostra do *corpus* da nossa tese sobre o vinho nos epigramas fúnebres e a morte nos epigramas simposiais, a qual será finalizada no decorrer de 2018. Portanto, esse artigo não se pretende exaustivo em relação ao tema que é amplamente discutido na tese.

¹² Termo usado pelo autor.

¹³ CAIRNS (2016, p. 244).

na discussão, Cairns tenta provar que registrar a morte por excesso de vinho em um epitáfio não deveria causar má reputação ao morto, pois há registros epigráficos sobre morte de jovens bêbados.¹⁴ É interessante notar que nos epigramas a seguir analisados não é possível dizer a idade dos defuntos por falta de indícios lexicais ou de possibilidades de inferência. Ademais, a morte deles não é por eles terem bebido muito como nas inscrições mencionadas por Cairns, mas por outros fatores que, somados à ebriedade, causaram a morte, como em um dos episódios mais remotos de que temos notícia na literatura grega antiga de morte por consumo exacerbado de vinho: Elpenor, um dos companheiros de Odisseu.

Tal como todos os defuntos que veremos mais adiante, a morte de Elpenor acontece depois de excessos em um banquete. No livro X da *Odisseia*, Circe convida Odisseu e seus companheiros a desfrutarem “carnes sem-fim e doce vinho.”¹⁵ Na véspera da continuação da viagem, Elpenor, o mais jovem dos companheiros do herói, se deita no telhado da casa de Circe bêbado procurando ar fresco. Ao ouvir o barulho dos companheiros se preparando para partir na manhã seguinte, esquece-se de descer, cai do telhado, quebra o pescoço e morre (IX. 552-560; retomado depois em XI. 51-83).¹⁶ Na passagem homérica, a morte do jovem Elpenor é explícita no vocabulário utilizado e na sequência temporal linear em que ela é descrita. Já nos epigramas fúnebres a seguir, a construção da morte se dá por indícios, iniciando pelo gênero do poema e por marcas lexicais epigráficas recorrentes da variante fúnebre.

O epigrama *A.P.* VII 660 de Teócrito,¹⁷ tido por muitos comentadores como a fonte de inspiração para *A.P.* VII 398 de Antípatro de Tessalônica e *A.P.* VII 533 de Dionísio de Andros alguns séculos depois, traz a advertência de um morto para que o transeunte-leitor¹⁸ não tenha o mesmo fim que ele teve ao cair depois de beber muito vinho:

¹⁴ *Ibidem*, pp. 244-247. Exemplos de epigramas inscritos sobre jovens bêbados mortos em 245 e 247.

¹⁵ *Odisseia* X. 468 na tradução de WERNER (2014, p. 318).

¹⁶ Para uma análise completa da personagem dentro do poema homérico, cf. LOUDEN (1999, pp. 31-49), o qual analisa as passagens de Elpenor e Leiodes (XXI. 144-174; XXII. 310-329) em conjunto.

¹⁷ GOW-PAGE (Vol. II 1965, p. 531) discutem a questão de atribuição deste epigrama a Teócrito.

¹⁸ Utilizamos esse termo para indicar as duas funções assumidas pelo leitor do epigrama, pois a construção do epigrama com base epigráfica pressupõe como interlocutor alguém que passa diante da lápide e lê o que nela está escrito. Como o termo passante não abarca a função do leitor do epigrama já em contexto literário, adotamos o composto transeunte-leitor para apreender as duas funções que o leitor do epigrama tem.

660 – TEÓCRITO

ξεῖνε, Συρακόσιός τοι ἀνήρ τὸδ' ἐφίεται Ὕρθων·
 χειμερίας μεθύων μηδαμὰ νυκτὸς ἴοις.
 καὶ γὰρ ἐγὼ τοιοῦτον ἔχω πότμον, ἀντὶ δὲ πολλᾶς¹⁹
 πατρίδος ὀθνεῖαν κείμαι ἐφεσσάμενος.

Estrangeiro, um homem siracusano, Orton, te ordena o seguinte:

“Nunca saias bêbado em noite de tempestade!”

Tal destino eu mesmo tive e em invés de na vasta
 terra natal, jazo empacotado em terra estranha.

ROSSI (2001, p. 200) elenca alguns outros epigramas fúnebres em que os defuntos alertam os vivos sobre alguns perigos que podem resultar em morte.²⁰ A autora ressalta que tais advertências não são exclusivas dos epigramas literários, pois ocorrem também em inscrições métricas. Entretanto, elas teriam surgido depois dos primeiros exemplos da *Antologia Palatina*. Outra questão importante sobre recursos epigráficos empregados por Teócrito que a autora ressalta é a alteração entre terceira pessoa do primeiro dístico e a primeira no segundo dístico.

O epigrama se abre com ξεῖνε, o vocativo que geralmente está presente nos epigramas fúnebres, sendo abundante no epigrama fúnebre literário. Tendo em vista o verso em grego, o vocativo é seguido por um outro elemento essencial para o epigrama fúnebre: o gentílico Συρακόσιός, que mostra, por sua vez, que o morto não está em sua terra natal, elemento revelado apenas no último verso. A própria construção do verso em grego materializa a interface entre o morto e o transeunte-leitor, a qual muitas vezes se dá mediante um verbo que retrata um pedido que o morto faz ao vivo: ξεῖνε – Συρακόσιός – ἐφίεται – Ὕρθων. Nos extremos do verso temos o estrangeiro e o morto e entre ambos o gentílico e o verbo, como se o elo entre o morto e o vivo fosse a mensagem do morto e sua origem. De fato, na instância mais elementar do epigrama fúnebre, a inscrição ou o epigrama tem como propósito de existência ser justamente esse elo entre morto e vivo; morte e vida; mundo dos vivos e dos mortos.

Entretanto, ao invés de pedir um lamento, uma libação ou que alguma mensagem seja levada à terra natal, como se esperaria, a mensagem do morto é uma advertência, que preencherá o segundo verso do epigrama. Nele, a combinação mortal χειμερίας μεθύων é justaposta, sendo seguida pelo advérbio de maior peso μηδαμὰ e a circunstância temporal νυκτὸς.

¹⁹ Para a discussão sobre as possíveis emendas, cf. GOW-PAGE (Vol. II 1965, p. 531); GIANGRANDE (1958, p. 55-6) e ROSSI (2001, pp. 205-206). Seguimos aqui GOW-PAGE.

²⁰ A.P. VII 32 – Juliano; 272 – Calímaco; 400 – Serápio de Alexandria; 534 – Alexandre da Etólia ou Automedonte; 650 – Flacus ou Faleco; 665 – Leônidas.

O segundo dístico, como já apontado, está na voz do próprio morto bem marcada por καὶ γὰρ ἐγὼ e se coloca como uma explicação para a advertência do segundo verso. O morto jaz enterrado²¹ longe de sua terra natal, pois estando fora de casa se embebedou e saiu em tempestade. Implícito, portanto, está um banquete em que Orton se excedeu. ROSSI (2001, p. 204) ressalta que o enterro longe da terra natal é um *topos* do epigrama fúnebre, mas diferencia duas variantes: 1) enterro longe da terra natal e 2) enterro em terra estrangeira. A autora ressalta que, ao utilizar ἀντί o poeta mescla as duas variantes. Vemos tal escolha como uma reiteração proposital da argumentação, pois são dois os piores cenários sepulcrais que podemos encontrar nos epigramas fúnebres: enterro em terra estranha/longe da terra natal e cenotáfios. O último verso se finda justamente com a materialização da morte de Orton: κείμαι ἐφροσάμενος, sendo que a imagem trazida pelo participio é recorrente sob outras variantes lexicais nos epigramas fúnebres. Assim, considerando a narração da morte de Elpenor pela boca de Odisseu, a linha narrativa sequencial temporal do trecho homérico é linear, enquanto que em Teócrito, os tempos narrativos se misturam, estando em evidência o presente da advertência do morto no dístico inicial e o passado contendo a morte, a qual é um alerta contra algo a não ser repetido por aquele que lê a inscrição.

Como já dito anteriormente, alguns autores como BECKBY (Vol. II, 1957, p. 590), GOW-PAGE (Vol. II, 1968, p. 71) e ARGENTIERI (2003, p. 91) colocam que *A.P.* VII 398 de Antípatro de Tessalônica pode ter sido inspirado pelo epigrama de Teócrito acima discutido²². No comentário desse epigrama, Beckby apenas faz a referência para que o leitor confira o epigrama de Teócrito. Gow-page, por sua vez, coloca que o epigrama “pode ter sido inspirado de maneira distante por *A.P.* VII 660²³”. Entretanto, Argentieri, na sua investigação sobre todos os epigramas atribuídos a todos os possíveis Antípatros (com foco maior no Sidônio e no Tessalônio), se vale de critérios internos da produção de cada Antípatro, dentre outros, para classificar imitações ativas e passivas realizadas por esses epigramatistas.²⁴

²¹ Optamos pelo termo “empacotado” para ἐπιέννυμι, pois ele traz o sentido original do verbo em grego «colocar uma vestimenta; envolver com algo» e a metonímia informal que usamos no contexto fúnebre.

²² Sobre a atribuição desse epigrama a Antípatro de Tessalônica e não ao de Sídon, GOW-PAGE (Vol. II, 1968, p. 71) e ARGENTIERI (2003, p. 48) concordam sobre a atribuição a Antípatro de Tessalônica por conta, sobretudo, do fato de que o epigrama faz parte de uma sequência de epigramas em ordem alfabética que é tida como uma sequência da *Guirlanda* de Filipo (*A.P.* VII 364-405).

²³ GOW-PAGE (Vol. II, 1968, p. 71).

²⁴ ARGENTIERI (2003, p. 83).

Argentieri aponta que Antípatro de Tessalônica “mostra uma maior liberdade no confronto do modelo de partida”²⁵ em relação a Antípatro de Sídon, que seguiria o modelo do epigrama originário limitando-se a modificar elementos da forma ou alguns detalhes. O autor também afirma que diversos epigramas de Antípatro de Tessalônica imitam composições de autores contemporâneos, o que não permite com precisão delimitar se a imitação é ativa ou passiva, mas apenas categorizá-los como epigramas de temática comum. Ao classificar as imitações, Argentieri divide as imitações em estreita, livre e estreita sem definição de imitador e imitado por serem composições de contemporâneos. Assim, ao classificar o grau de imitação do epigrama *A.P.* VII 398, o autor o considera de relação estreita com Teócrito *A.P.* VII 660 e aponta *A.P.* VII 533 como de tema comum, já que Dionísio de Andros seria um contemporâneo. Acatamos a análise de Argentieri considerando que a imitação praticada por Antípatro de Tessalônica em 398 a partir de 660 de Teócrito é estreita por desenvolver alguns elementos importantes, como pretendemos mostrar a seguir.

398 – ANTÍPATRO DE TESSALÔNICA

οὐκ οἶδ’ εἰ Διόνυσον ὀνόσσομαι ἢ Διὸς ὄμβρον
 μέμγομ’, ὀλισθηροὶ δ’ εἰς πόδας ἀμώτεροι,
 ἀγρόθε γὰρ κατιόντα Πολύξενον ἔκ ποτε δαιτός
 τύμβος ἔχει γλίσχρων ἐξεριπόντα λόφων.
 κεῖται δ’ Αἰολίδος Σμύρνης ἑκάς. ἀλλά τις ὄρφηνης
 δειμαῖνοι μεθύων ἀτραπὸν ὑετίην.

Não sei se culparei Dioniso ou acusarei a chuva de Zeus,
 pois ambos fazem os pés escorregarem.
 Esta tumba abriga Polixeno que, certa vez depois do jantar,
 vindo do interior, caiu da encosta escorregadia
 e jaz longe da eólia Esmirna. Que todos os bêbados
 temam caminho no escuro com chuva.

O primeiro comentário pontual de GOW-PAGE (Vol. II, 1968, p. 71) sobre o primeiro verso recai sobre o verbo ὀνόσσομαι. Os autores citam algumas passagens onde esse mesmo futuro acontece e finalizam o comentário do verso dizendo que “a pessoa que fala é o poeta, aparentemente lamentando a morte de um amigo”. Embora possamos interpretar o uso da primeira pessoa em alguns epigramas – em conjunto com outros elementos, claro – como uma

²⁵ Ibidem.

lamentação, como em Calímaco *A.P.* VII 80²⁶ e 522,²⁷ não acreditamos que esse epigrama possa ser visto estritamente por esse viés.

A alteração da voz do epigrama e mesmo a existência de mais de uma voz não é um problema para o epigrama, como já dito, bem como a sobreposição de presente, passado e futuro, fato também exemplificado no epigrama 660 de Teócrito. Diferentemente de Teócrito, Antípatro de Tessalônica inicia o primeiro dístico em primeira pessoa (οὐκ οἶδα, ὀνόσσομαι e μέμψομαι) e aponta para dois possíveis culpados pela morte: Dioniso e Zeus, i.e., vinho e chuva. Porém, como em 660 de Teócrito, a morte não está ainda explícita, mas apenas sugerida na porção final do segundo verso: ambos fazem os pés escorregarem (ὀλισθηροὶ δ' εἰς πόδας ἀμφοτέροι).

O dístico seguinte, em terceira pessoa, pode ser entendido como a lápide ou a tumba narrando a morte de Polixeno, cujo nome também se apresenta apenas no terceiro verso. De forma tradicional em epigramas fúnebres, temos a expressão τύμβος ἔχει (v. 4) e uma breve narrativa no passado sobre a queda de um barranco escorregadio sofrida por Polixeno ao voltar de um jantar. O fato de o acidente ter acontecido quando Polixeno estava «vindo do interior» (ἀγρόθε γὰρ κατιόντα), antecipa que ele não estava em sua terra natal, elemento apresentado no verso 5 (Αἰολίδος Σμύρνης ἐκάς). Outro elemento importante é que a bebedeira se anuncia com a presença do deus Dioniso no primeiro verso e se consolida no banquete que fecha o terceiro verso, mesmo que de forma não explícita. Tal como no epigrama 660 de Teócrito, jazer longe da terra natal ganha destaque ao fazer parte do dístico final. Nesse ponto, devemos destacar que, embora ambos os epigramas sejam finalizados com o *topos* de jazer longe da terra natal, o último verso de 398 é uma espécie de conclusão dos fatos narrados em forma de desejo, enquanto que o mesmo conteúdo é expresso na forma de uma advertência no segundo verso de 660.

O final do verso 5 e o verso 6 trazem um desejo da parte da lápide e do morto em conjunto para que todo aquele nas condições de embriaguez e chuva possam temer um caminho, ou seja, sair ao ar livre. Enquanto em 660 Teócrito coloca a ordem expressa que o morto traz ao transeunte-leitor em discurso direto, em 398 Antípatro de Tessalônica encerra o epigrama com o desejo expresso de que tal situação seja evitada pelo transeunte-leitor. O epigrama, portanto, se encerra com uma composição em anel ao retomar os elementos relacionados às divindades do verso 1: Dioniso = bêbados; Zeus = chuva. Nesse trecho, porém, a bebida e a chuva não estão separadas como no verso 1. Esses dois elementos compõem justamente a combinação a ser evitada. Assim, podemos entender os verbos de acusação no primeiro dístico como uma dúvida acerca do que

²⁶ Para algumas leituras sobre esse importante epigrama de Calímaco, cf. MACQUEEN (1982) e HUNTER (1992).

²⁷ Sobre esse epigrama, cf. WALSH (1991).

realmente causou a morte de Polixeno. Em nosso ponto de vista a dúvida é construída retoricamente e resolvida ao final do poema. Em outras palavras, se entendermos que a voz em primeira pessoa é do morto e que geralmente, fora do ambiente judiciário, aquele que acusa outrem é quem sofreu a infração, no final das contas, a acusação ainda duvidosa nada mais é do que a antecipação da reflexão do morto, pois ele e sua tumba desejam que o vivo evite as circunstâncias que o vitimaram. Assim, não importa se a causa foi a ebriedade resultante do jantar, δαιτός, ou o caminho com chuva, ἀτραπὸν ὑετίνῃ.

533 – DIONISO DE ANDROS

καὶ Διὶ καὶ Βρομίῳ με διάβροχον οὐ μέγ' ὀλισθηῖν,
καὶ μόνον ἐκ δοιῶν καὶ βροτὸν ἐκ μακάρων.

Não é grande espanto que encharcado por Zeus e Brômio eu tenha escorregado.
Um contra dois, mortal contra imortais.

BECKBY (Vol. II, 1957, p. 598), em breve comentário a *A.P.* VII 533 de Dioniso de Andros, apenas afirma que o epigrama é uma resposta a 660 de Teócrito e que o leitor deve verificar o epigrama 398 de Antípatro de Tessalônica. PAGE (1981, p. 44) incorpora o epigrama que havia sido descartado das edições de GOW-PAGE (1965 e 1968) e também faz um breve comentário, que acaba ignorando não só a origem funerária do texto, *A.P.* Livro VII, mas também as conexões com os epigramas apontados por Beckby. Entretanto, assinala que “a aliança de Zeus (= chuva) e Brômio (= vinho) é forte demais para o autor.”²⁸ Na sequência Page mostra que o mesmo tema ocorre de maneira mais elaborada em Asclepiades *A.P.* V 167 e encaminha o leitor para o comentário de Rufino *A.P.* V 93 no seu livro de 1978 dedicado ao epigramatista. Apesar de as referências dadas serem relevantes em um contexto mais abrangente, a maioria se refere à aliança Baco e Eros em contexto de poesia erótica, tanto em composições de epigramatistas gregos (Calímaco *A.P.* XII 118; Meleagro *A.P.* XII 119, Posídipo *A.P.* XII 120) quanto de poetas latinos (Ovídio *A.A.* III 762 e Propércio I 3.14). A única referência mais próxima do conteúdo do epigrama de Dioniso é o epigrama *A.P.* XI 26 de Marcus Argentário que, por uma questão de espaço e recorte – apresenta o conteúdo simposial, mas não o fúnebre – não analisaremos aqui.

Em relação à atribuição, GOW-PAGE (Vol. II, 1965, p. 231) colocam que o nome do epigramatista é comum e que há diversos Dionisos seguidos de adjetivações na *Antologia Palatina*. Mesmo havendo a atribuição explícita em um dos códices (C), os autores omitem esse epigrama e o *A.P.* V 81 de Dioniso, o Sofista, em particular, por acreditarem que eles não eram

²⁸ PAGE (1981, p. 44).

convincentemente antigos, embora tais autores pudessem ter tido contato com poetas relacionados na *Guirlanda* de Meleagro.²⁹ Alguns anos mais tarde, PAGE (1981, p. 44) revê a questão e esclarece apenas que o epigrama deve ter seu lugar dentro da coleção por estar entre três epigramas da antologia de Filipe e uma sequência de epigramas da *Guirlanda* de Meleagro. Além disso, no seu ponto de vista, “tema e estilo estão de acordo”. Porém, sobre atribuir esse epigrama a Dioniso de Andros e não a outros Dionisos, Page apenas segue o mesmo códice mencionado acima.

Longe da tentativa de apontar um culpado pela própria morte, como vimos no caso de Polixeno no primeiro dístico de 398, o epigrama 533 de Dioniso de Andros considera que não há com o que se espantar no fato de que ele, o morto (sem nome e empregando uma primeira pessoa que domina o epigrama inteiro) tenha sido vítima de Zeus e Brômio em conjunto, já que foram dois contra um e imortais contra um mortal. Ou seja, de acordo com o epigrama, a união dos deuses é invencível em número e em condição de mortalidade, portanto, escorregar ao se sair na chuva bêbado não poderia ter tido outra consequência ao morto que não a morte. É importante notar que o dístico não usa o sepultamento longe da terra natal como argumento para a sua advertência sutil. Como o epigrama não traz o nome do morto e nem sua origem, entende-se que a morte poderia ter acontecido na terra natal.

Em relação à construção do verso grego, vale notar que a posição dos deuses também é em justaposição: καὶ Διὶ καὶ Βρομίῳι (v. 1), como visto anteriormente em 398 (v. 1) e em metonímia em 660 (v. 2). Logo após os deuses aparece o morto representado pelo pronome με e o adjetivo διάβροχον que serve de elo entre os dois deuses e o morto. Por fim, o verso termina com o motivo da morte, ὀλισθεῖν. Assim, o que o segundo verso explicita como uma vantagem tanto numérica, quanto de mortalidade, está, de certa maneira, já antecipada no arranjo dos vocábulos citados no primeiro verso = Dioniso + Zeus = encharcado e morto por escorregão.

Nesse sentido, ao contrário de Beckby, acreditamos que o epigrama não está apenas ligado tematicamente ao epigrama 660, mas é uma resposta lógica ao 398, como se demonstrasse que não há espaço para questionamento sobre o culpado, já que a vantagem numérica e imortal nunca poderia ser questionada. Portanto, poderíamos entender que o uso de οὐ μέγ’ (v. 1) seria uma contrapartida à oração alternativa οὐκ οἶδ’ εἰ Διόνυσον ὀνόσομαι, ἢ Διὸς ὄμβρον / μέμψοι’ em 398 (v. 1). A ausência de espanto, em última

²⁹ É importante lembrar que um dos critérios de seleção dos epigramas para a edição de GOW-PAGE (1965) é justamente ser identificado como sendo um epigrama de algum dos autores listados no próêmio da *Guirlanda* de Meleagro (*A.P.* IV 1) ou ser identificado como elemento pertencente a uma provável sequência de epigramas que teria sido parte da *Guirlanda* de Meleagro.

instância, então, seria como uma advertência velada, pois ao anunciar o motivo da morte quase como uma equação matemática simples, o morto conseguiria persuadir o leitor do poema a não incorrer no mesmo erro e aceitar ser uma minoria mortal em uma circunstância de banquete com chuva.

Por conta da versatilidade do gênero epigramático, do contexto complexo de relações dos poetas com o legado da tradição poética e a produção contemporânea em que eles estão inseridos, encontramos na poesia fúnebre – como já apontado por GIANGRANDE (1968) – diversos subgêneros que se baseiam na confluência da poesia antiga, sobretudo simposial, com o material epigráfico. Neste artigo, trouxemos a discussão de um desses subgêneros que resgata a queda seguida de morte de um bêbado recém-saído de um banquete, como no episódio do jovem Elpenor em Homero.

Se a interpretação de LOUDEN (1999) sobre a função de Elpenor na narrativa de Homero estiver correta, a qual aponta a morte do personagem como uma antecipação ao que acontecerá com os companheiros de Odiseu, ou seja, uma espécie de aviso nas entrelinhas, Orton, Polixeno e o morto não identificado dos epigramas analisados teriam tido uma função parecida ao advertir os perigos da embriaguez ao transeunte-leitor. Não nos esqueçamos, é claro, que essa interpretação se dá no âmbito de uma leitura comparativa e não no efeito real que tais composições poderiam ter tido caso elas tivessem sido de fato reais. Além disso, vale retomar que, no âmbito da construção literária, os epigramas dialogam em uma relação de *imitatio* e *aemulatio* e trazem para a epigramática fúnebre elementos simposiais, inovando, portanto, o imaginário do gênero e reforçando o seu lugar na tradição poética grega.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGENTIERI, L. (2003). *Gli epigrammi degli Antipatri*. Bari: Levante Editori.
- BECKBY, H. (1957–8). *Anthologia Graeca*. 4 vols. München: Ernst Heimeran Verlag.
- CAIRNS, F. (2016). *Hellenistic Epigram: Context of Exploration*. Cambridge: University Cambridge Press.
- FANTUZZI, M.; HUNTER, R. (2004). *Tradition and Innovation in Hellenistic Poetry*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GIANGRANDE, G. (1968). Sympotic Literature and Epigram. In: DIHLE, A. (ed.) *L'Épigramme Grecque*. Vandoeuvres-Genève, pp. 93–174.
- GOW, A. S. F.; PAGE, D. L. (1965). *The Greek Anthology: Hellenistic Epigrams*. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press.
- GOW, A. S. F.; PAGE, D. L. (1968). *The Greek Anthology: The Garland of Philip*. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press.
- HUNTER, R. (1992). Callimachus and Heraclitus. *Materiali e Discussioni per L'analisi Dei Testi Classici*, n. (28), pp. 113-123.
- KACZCO, S. (2009). From Stone to Parchment: Epigraphic and Literary Transmission of Some Greek Epigrams. *Trends in Classics*, n.1(1), pp. 90-117.

- KACZCO, S. (2016). *Archaic and Classical Attic Dedicatory Epigrams. An Epigraphic, Literary, and Linguistic Commentary*. Berlin, Boston: De Gruyter.
- LOUDEN, B. (1999). *The Odyssey: structure, narration and meaning*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- MACQUEEN, J. (1982). Death and Immortality: A Study of the Heraclitus Epigram of Callimachus. *Ramus*, n.11(1), pp. 48-56.
- PAGE, D. L. (1981). *Further Greek Epigrams*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PAGE, D. L. (1978). *The Epigrams of Rufinus*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PATON, W. R. (1916–9). *The Greek Anthology*. 5 vols. Cambridge, London: Harvard University Press.
- REITZENSTEIN, R. (1893). *Epigramm und Skolion: Ein Beitrag zur Geschichte der alexandrinischen Dichtung*. Giessen: Hildesheim.
- ROSSI, L. (2001). *The Epigrams Ascribed to Theocritus: A Method of Approach*. Hellenistica Groningana V. Leuven: Peeters.
- SENS, A. (2016). Party or Perish: Death, Wine, and Closure in Hellenistic Symptotic Epigram. In: CAZZATO, V.; OBBINK, D.; PRODI, E. *The Cup of Song: Studies on Poetry and the Symposium*. Oxford: Oxford University Press, pp. 230-246.
- WALSH, G. B. (1991). Callimachean Passages: The Rhetoric of Epitaph in Epigram. *Arethusa*, n. 24, pp. 77–103.
- WERNER, C. (2014). *Odisseia: Homero*. São Paulo: Cosac Naify.

Recebido: 15/01/2018

Aceito: 15/03/2018